

Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Volume 13, julho a dezembro de 2004

Reconstituição histórica como instrumento de resgate cultural e de educação ambiental

Andréia Aparecida Marin: Doutora em Ecologia e Rec. Naturais pela UFSCar, bolsista PRODOC/CAPES na Universidade Federal de Goiás. aamarin@bol.com.br

Haydée Torres Oliveira: Doutora em Ciências da Eng. Ambiental pela USP, professora do Depto. Hidrobiologia da UFSCar, do PPG Ecologia e Rec. Naturais/UFSCar e do PPG Ciências da Eng. Ambiental/EESC/USP. haydee@power.ufscar.br

Vito Comar: Doutor em Eng. de Alimentos, enfoque em Eng. Ecológica e Contabilidade Ambiental pela UNICAMP, professor visitante da UEMS e coordenador do Programa de Avaliação Ambiental Estratégica para o Gás Natural em Mato Grosso do Sul. vito@uems.br

Resumo

O trabalho com educação ambiental tem ganhado novas dimensões conforme se desenvolvem experiências e reflexões mais aprofundadas sobre seu papel. O fato é que o caráter puramente informacional sobre condutas adequadas de preservação, está sendo superado, dando espaço a tendências mais críticas e transdisciplinares. Nessa tendência, lançamos a discussão sobre a importância do resgate histórico, juntamente com os elementos sobre mudança de paisagem, como estratégia de valorização cultural e de sensibilização ambiental.

Abstract

The environmental education got new dimension with reflection and experience about its role. The functional aspect based in appropriate behaviour to preservation is outmoded by critical and holistic tendency. This present paper is a discussion about the importance of historical recovery and landscape's alteration. This factors maybe strategy of cultural rescue and environmental education.

Introdução

A percepção ambiental é um fenômeno complexo que se funde com vários elementos da existência humana. Entre eles, podemos destacar as dimensões espirituais, o imaginário e a história da pessoa humana, todos profundamente inter-relacionados. É a

partir da memória de construção interativa do ser humano com o ambiente que se estabelece seu modo de vida e seu comportamento no ambiente.

Quando analisamos a forma como o ser humano se relaciona com o lugar habitado estamos focando nossa atenção no que Bachelard, já na sua primeira versão de *Poética do Espaço* de 1957, denominou de *topofilia*, significando o espaço de nossa felicidade. O termo foi utilizado também por TUAN (1980), em obra homônima, como a atração que o ser humano sente por características do meio.

Os traços topofílicos são construídos a partir da história de interação com o lugar, ou seja, da história de vida da pessoa. Nesse sentido, os indícios de alteração da paisagem local ganham extrema importância, uma vez que representam mais que novas configurações físicas, mas a perda de referenciais sócio-históricos, substratos onde se ancora universo de significações atribuído ao lugar.

Nesse sentido, reconstituir a história de um lugar é mais que um ordenamento dos fatos históricos, mas uma redescoberta de um mundo de significados, de imagens, de mitos que o povoam, numa interação nostálgica que, acreditamos, possa ser sinônimo de sensibilização. Além disso, é uma oportunidade de análise reflexiva sobre as mudanças de paisagem que as ações antrópicas provocaram e suas conseqüências para o planejamento do desenvolvimento local.

Desenvolvemos, na seqüência, algumas reflexões sobre o contexto descrito, ilustrando nossos argumentos com um estudo de caso desenvolvido no município turístico de Jardim/MS, Brasil. Finalizamos com algumas propostas de atividades de educação ambiental, inspiradas no quadro de conhecimentos e reflexões gerados por tal estudo.

Percepção ambiental e memória

Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo o passado vem viver, pelo sonho, numa nova casa. (BACHELARD, 1993, p.25)

Não podemos limitar a existência humana ao presente e ao que está diante de nós. Faz parte dela tanto o futuro aberto, em função do qual nos determinamos, quanto o que já passou, passado este que constantemente reassumimos. Para Heidegger (1989), na recordação relacionamo-nos com o ser do nosso próprio passado, e não somente com uma representação ou imaginação subjetiva que mora em nós.

Essas reflexões de Heidegger fundamentam a necessidade de tratar a percepção como processo em conexão constante com o universo já construído de signos e representações e com a memória. Essa conexão é também perfeitamente detectável em todo o trabalho de Bergson, *Matéria e Memória* (BERGSON, 1999).

Na visão de Merleau-Ponty, aquilo que o objeto representa é a parte intencional da percepção. “Percebemos um conjunto como coisa que a atitude analítica em seguida pode discernir ali semelhanças e contigüidades” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.39). Para ele, quando se antecipa a associação à construção do conjunto, subtrai-se da percepção a sua função essencial que é a de inaugurar o conhecimento.

Contrapõe, nesse sentido, ao conceito de percepção bergsoniano, onde a memória tem função definitiva no momento do perceber, o lembrar (memória) tem relação contínua com o perceber (matéria): “[...] aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais” (BERGSON, 1999, p.30).

Enquanto em Bergson, os componentes da memória vão influenciar a orientação dos sentidos, em Ponty, a memória se concentra na imposição de sentido ao “caos sensível”, à

fonte do constituinte que falta na impressão pura. Dessa forma, as recordações não se projetam por si mesmas nas sensações; a consciência as confronta com o dado presente para reter apenas aqueles que se harmonizam com ele, sendo a percepção o texto originário já pleno de sentido que é filtrado por aquele das recordações.

Perceber não é experimentar um sem-número de impressões que trariam consigo recordações capazes de completá-las, é ver jorrar de uma constelação de dados um sentido imanente sem o qual nenhum apelo às recordações seria possível... Perceber não é recordar-se. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.47)

Ecléa Bosi busca referencial teórico em Bergson para estudar a influência da memória na relação de velhos com um determinado local e com as mudanças nele ocorridas durante o processo de desenvolvimento urbano. Para tanto, BOSI (1994, p.44) se baseia num conceito bergsoniano de percepção como o resultado de estímulos não devolvidos ao mundo exterior sobre a forma de ação, um “vazio” que se povoa de imagens as quais, trabalhadas, assumirão a qualidade de signos da consciência. As percepções não permanecem como fragmentos isolados da realidade histórica, de maneira que aos sentidos, que fornecem ao homem dados imediatos e presentes, se misturam vários detalhes mnêmicos.

Reter, esquecer e voltar a lembrar pertencem à constituição histórica do homem e formam mesmo uma parte de sua história e de sua formação. Para GADAMER (1997), a psicologia impôs à memória uma função capacitativa, deixando de considerar sua essência histórica, que faz do ser humano aquilo que ele é. Entendemos, portanto, que a omissão dessa potencialidade da memória em nossas reflexões e entendimentos pode significar o obscurecimento das identidades humanas.

Enquanto para Bergson, a memória é conservação do passado, para HALBWACHS (1990), ela é a reconstituição dele. O dualismo entre memória como estatuto espiritual e percepção de Bergson é relativizado pela teoria psicossocial de Halbwachs, que enquadra tais fenômenos numa dimensão social mais que individual.

Como Halbwachs entende o sistema social de representações e relações como inconstante, mutável na dimensão temporal, então a lembrança não se conceitua como conservação do passado, mas como material a gerar novas construções em novos contextos histórico-sociais.

A memória se liga à interação do ser humano com o meio ambiente, na medida em que a contemplação de determinadas paisagens induz a relações nostálgicas que despertam valor afetivo. Diríamos que a memória é um dos componentes da topofilia, uma vez que essa se constrói da experiência histórica de interação. Por esse motivo, podemos falar nela como instrumento de adequação ao ambiente. MACIEL (2000) considera que não é possível pensar o espaço habitado sem levar em conta o fato de que ele constitui-se no mesmo movimento em que se dá a organização social, e que esse movimento, por sua vez, é inseparável da memória.

Percepção ambiental como estratégia de adequação

A memória tem influência direta na maneira como o ser humano entende e se relaciona com seu meio. Tanto a percepção imediata quanto os pormenores retidos na memória constroem a imagem das coisas, das pessoas e dos acontecimentos que as cercam. Dessa maneira, a ligação afetiva que elas mantêm com o meio depende dos sentidos que foram impressos em sua memória.

O que é um ambiente acolhedor? Será ele construído por um gosto refinado na decoração ou será uma reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhados por uma luz de outro tempo? (BOSI, 1994, p.74)

A percepção ambiental é, nesse sentido um veículo que, identificada a partir do resgate da memória, pode revelar, e até justificar, os padrões comportamentais na relação do ser humano com seu meio.

Da mesma maneira que se entende a influência do aumento das dimensões do universo perceptivo e afetivo de uma criança, quando começa a sair do horizonte de sua casa, sobre seus padrões de comportamento, é possível especular sobre o conflito perceptivo de pessoas que buscam o refúgio de áreas preservadas, vindos de uma realidade perceptiva totalmente adversa. É compreensivo, e até esperado, que os interesses e comportamentos dessas pessoas sejam diferentes daquelas que aí viveram a maior parte de suas vidas, tendo estruturado um conjunto de pormenores em sua memória e uma acuidade sensitiva totalmente associada às características ambientais locais.

As pessoas que viveram em ambientes preservados carregam consigo as imagens-lembrança, que determinam sua relação afetiva com o meio, a memória de convívio com a comunidade, associada à sua tradição e historicidade e os valores que se referem à sua identidade, hipoteticamente muito diferentes daqueles do migrante que vem de áreas mais industrializadas, que geralmente estão associados a padrões de conforto.

Memória e Topofilia

Segundo BACHELARD (1993, p.24), o espaço é um poderoso substrato para os pensamentos, lembranças e sonhos do ser humano: “[...] é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num ‘canto do mundo’.

Bachelard introduz o termo *topofilia* em 1957, na edição original da obra *A poética do espaço*, com os seguintes dizeres: “[...] precisamos examinar imagens bem simples, as imagens do *espaço feliz*. Nessa perspectiva, nossas investigações mereceriam o nome de *topofilia*” (*ibidem*, p.19).

Para TUAN (1980), que utiliza o termo em obra homônoma, a compreensão da preferência ambiental de uma pessoa só é possível a partir do exame de sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos. No nível de atitudes e preferências de grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência no contexto da dimensão física do meio ambiente. Pessoas com diferentes antecedentes e experiências, visitantes ou nativas, apresentam padrões comportamentais distintos. De acordo com o mesmo autor, quando na posição de visitantes (turistas), as pessoas têm uma percepção fugaz reduzida à composição de quadros, com uma avaliação do ambiente essencialmente estética, enquanto que o nativo tem uma atitude complexa derivada da imersão na totalidade de seu meio ambiente. Da mesma forma, para pessoas que migram de outras regiões para se fixarem em um determinado local, diferenças expressivas podem existir com relação às populações nativas, dependendo da impressão de lugares ocupados em seu passado e dos objetivos e interesses no novo ambiente.

Para PROSHANSKY (1976), a identificação da pessoa com aspectos de seu mundo físico começa a aparecer a partir da totalidade de experiências do meio ambiente físico que ela teve durante os anos de seu desenvolvimento. O autor enfatiza a importância da relação com o passado residencial na construção de um estreitamento com local de moradia.

No contexto descrito acima, as atitudes das pessoas hoje residentes num lugar estão, de alguma maneira, fundamentadas na sua história de vida, nos seus valores e conhecimentos sobre o meio e no interesse que têm nele. Quando se potencializa a expressão cultural de um povo no espaço por ele construído está se intensificando o processo de identificação dele com o meio ambiente gerando, conseqüentemente, uma valoração positiva que, em última análise, é determinante de comportamentos de apropriação e conservacionismo.

Apropriação do espaço e mudança de paisagem

A questão que se coloca é o risco de descaracterização que acompanha o processo de apropriação do espaço. Sob esse prisma, a comunidade local deve ter sua memória grupal e sua tradição coesa o bastante para impedir que a base de suas percepções seja destruída e haja uma desarticulação da sua ligação com a morfologia do seu espaço:

Só a inteligência e o trabalho de um grupo podem reconquistar as coisas preciosas que se perderam. Quando não há essa resistência coletiva, os indivíduos se dispersam e são lançados longe, as raízes partidas. (BOSI, op cit, p.452)

Em muitos casos, no lugar de se estabelecer uma adaptabilidade de grupos migrantes no novo meio, se dá uma adequação do meio aos seus padrões topofílicos. SANTOS (2002, p.73) faz uma análise clara da forma como se deu essa apropriação na expansão territorial, à época dos descobrimentos. Destaca a mudança radical da geografia do território conquistado, atribuindo-a ao imaginário dos colonizadores, que buscavam uma extensão da paisagem européia. “A apropriação do desconhecido é, antes de tudo, superá-lo enquanto tal para transformá-lo no conhecido”. Esse movimento provoca, logicamente, um estado de tensão entre comunidades locais e migrantes, tornando necessário um esforço mútuo num diálogo gerador de planejamento da moradia.

No contexto do presente trabalho, o resgate da histórica local é de um instrumento de grande valor, justamente por permitir um entendimento das motivações que explicam a permanência dos nativos e a chegada dos migrantes numa região caracterizada por uma natureza ainda preservada.

Estudo de Caso

Contexto

O município de Jardim, local de estudo, localiza-se a sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul, fazendo parte do Complexo da Bodoquena, uma região turística composta de cinco municípios, que abrange o Parque Nacional da Serra da Bodoquena. Tem uma área de 2207,6 Km², limitando-se com os municípios de Guia Lopes da Laguna, Porto Murtinho, Bonito, Bela Vista e Ponta-Porã.

Jardim possui uma população atual de 20570 habitantes, 18377 na zona urbana e 2193 na rural. Na década de 80 houve um processo de êxodo rural, tendo se elevado sensivelmente a taxa de urbanização. O movimento de expansão da atividade turística no campo, dentro das modalidades de ecoturismo e turismo rural, fez com que se desse um retorno às propriedades rurais da região.

Neste contexto de transformação das relações sociais em um local onde o ambiente natural apresenta-se como potencial turístico, faz-se necessário refletir sobre a necessidade de medidas concretas de regulação do uso deste ambiente, e a educação ambiental aparece como uma forma de despertar a valorização desse uso.

Metodologia

As atividades foram desenvolvidas no município de Jardim/MS, na área urbana e na área rural, ao longo do Rio da Prata. Os atores que deram depoimentos sobre o histórico da cidade são velhos que participaram da fundação da cidade, ou que para lá migraram no início de sua história, e filhos de fundadores.

O início dos trabalhos com cada participante foi feito com a coleta dos depoimentos pessoais. Foi adotada também a técnica de análise documental, na qual buscamos documentos relacionados aos registros históricos do município que continham informações sobre a ocupação da área e a origem dos povoadores, como as obras publicadas: *Mato Grosso Km.0* de CONSTANT (1993); *Jardim, 30 anos de história*, de SANTOS (1980), “Reminiscências – nascimento e vida de Cyrillo Camargo Carvalho Braga”, autobiografia (não publicada); “Município de Jardim”, de Rita Carmem Braga Lima (não publicado).

A pesquisa foi conduzida no modelo participante, dentro da conceituação e caracterização de BRANDÃO (1987) e aceitando a diferenciação colocada por THIOLENT (1987) da pesquisa-ação.

As informações coletadas nos relatos orais e entrevistas transcritas foram submetidas à análise de conteúdo, seguindo as indicações de BARDIN (1977) e GOMES (1994).

Desenvolvimento

Histórico da região

A cidade de Jardim nasceu em meio aos acontecimentos advindos da expansão territorial forçada pelo movimento militar, estimulada a partir da Guerra contra o Paraguai em 1865. Difere, dessa maneira, da colonização das demais cidades da região, centrada na campanha getulista de expansão territorial.

Por essa época, onde hoje é a cidade de Jardim, existia a fazenda do pecuarista mineiro José Francisco Lopes que, por ser profundo conhecedor da região, serviu como guia do exército brasileiro na fuga por falta de víveres, na histórica Retirada da Laguna, cujos heróis foram homenageados com a construção do monumento Cemitério dos Heróis, ainda preservado na cidade.

Na década de 30, no batalhão rodoviário do exército, incumbido da construção de estradas de acesso às fronteiras da região, migraram muitos militares, de Aquidauana para acampamentos às margens do Rio Miranda e, posteriormente sob a denominação de Companhia de Estradas de Rodagem (CER-3), para uma área pertencente à Fazenda Jardim, cuja propriedade passara de José Francisco Lopes para Fábio Martins Barbosa.

Os fatos são narrados por Constant:

Na margem direita do rio, três quilômetros aquém numa meseta bem vasta, estava a estância da família Lopes, que dera o famoso Guia Lopes. Foi ele quem, grande conhecedor da região, evitou a dizimação total dos heróis da Retirada da Laguna, vindo a morrer na Fazenda Jardim. (CONSTANT, 1993, p.139)

O autor participou da construção da sede da CER3, em cujo entorno se estabeleceu juntamente com sargentos, cabos e soldados que construía suas casas. Com aproximadamente mil habitantes, a Vila Jardim abrigava duas pensões, uma cantina e pequenos mercados. À época, eram moradores: Cyrillo Carvalho Braga, João Evangelista, Francisco Braz Maciel, Francisco Rodrigues Gonzaga, Nestor Chaves, Nelson Mendes

Tavares, Luiz Bertolino da Cruz, Júlio Romeu Mariani, José Francisco da Silva e Anísio José dos Santos.

No centro dos fatos que construíram a história de povoamento da região, está a família Lopes, primeiros migrantes a se estabelecerem na região para o desenvolvimento da pecuária. De acordo com CONSTANT (*op cit*), a região foi beneficiada pela migração de gaúchos, que saíam dos pampas para Oeste, via Paraná, e de paulistas e nordestinos através da Estrada de Ferro Noroeste, que partia de Bauru, interior de São Paulo. Goiás e Minas Gerais também foram estados de onde partiram migrantes que se fixaram na cidade de Jardim.

Em 13 de setembro de 1948, o pequeno povoado nascido à sombra da CER-3, recebia a categoria de distrito incorporado ao município de Bela Vista, *status* que assegurou até 1953, quando foi constituído o município de Jardim, tendo sido realizada a primeira eleição direta e livre no ano seguinte.

Espaço onde se estabeleceu Jardim – relato de um fundador

Ademar Constant foi um dos fundadores das cidades de Jardim e Guia Lopes da Laguna. Trabalhou na abertura de estradas no Estado, sendo designado a um pelotão de exploração para a construção da estrada Bela Vista-Porto Murtinho e o prolongamento da via saindo de Aquidauana, passando por Nioaque e Jardim. Destacamos de sua obra *Mato Grosso Km 0*, relatos das experiências advindas desse trabalho, da interação do grupo ao ambiente, a que ele mesmo se refere como “aventura da selva”, já que teve que estabelecer marcos paralelos à linha da fronteira seca do Brasil-Paraguai, em meio à vegetação cerrada, passando pelas encostas da Serra da Bodoquena.

CONSTANT (*op cit*, p.92) se refere às dificuldades de acesso ao local devido à presença dos caraguatás: “[...] usando foices, soldados e cabos se revezavam matando os caraguatás, verdadeiros ninhos de cobras onde somente tanques de guerra teriam êxito”.

Sobre a riqueza de rios da região, o autor relata:

Nunca vi tantos riachos, tantos córregos, tantos rios, como os existentes nesta parte do Brasil... A bacia hidrográfica estava polvilhada de pequenos e grandes mananciais que ainda não tinham nomes... Todos eles ou corriam para o Apa ou para o rio Miranda. (CONSTANT, 1993, p.94)

O autor descrevia o rio Apa como um rio piscoso e de águas frias, que àquela época já estava sendo explorado a tiros de fuzil: “ouviam-se disparos o dia todo feitos por pescadores de ambos os lados” (*ibidem*, p. 94).

Relata a satisfação dos acampados ao encontrar frutas como os “milhões de guaviras” e as macambiras (caraguatás) à margem do rio Perdido:

[...] quanto éramos gratos à mãe Natureza, de pronto, nos mandava aquele doce manjar em pleno deserto [...] Selva de doces frutas caídas ali por mãos miraculosas completamente indiferentes ao bem que iria proporcionar ao pelotão e a quantos por ali passavam (*ibidem*, p. 96).

Dois outros elementos de interesse se destacam no relato: a exploração madeireira e a presença das populações indígenas. Sobre o primeiro dizia: “[...] há extração de quebracho, madeira que fornecia tanino e resinas especiais para a indústria, sendo os alemães os mais interessados no seu aproveitamento”. Sobre o índio:

[...] que mais intrigava era a indiferença do branco pelo índio, jogando com a vida deles como se fossem objetos vis. Já não havia escravatura no sentido literal do termo, mas dispunha-se do bugre para os serviços domésticos ou da mangueira como se fossem objetos (*ibidem*, p.97-98).

Outro fator bastante evidenciado na narração é o contato com os animais:

O rio Perdido corre em ziguezague numa depressão que, partindo das elevações da Bodoquena, procura o rio Miranda na sua parte inferior... De águas muito frias, especialmente quando ao abrigo das florestas; é, todavia, piscoso [...] com abundantes peixes de couro como pintado e outros. (ibidem, p.126-127)

Cita o rio como ninho de sucuris, dada as características das margens e rebojos apropriadas à procriação do réptil: “[...] anhuma, pássaro arredio, de canto profundo e forte, capaz de ser ouvido a quilômetros de distância. A anhuma faz ninho no mais alto das árvores ou na cabeça dos coqueiros desfolhados” (ibidem, 128)

Cita também “centenas de garças” e tuiuiús. A associação da imagem dos animais com o belo vem, no entanto, acompanhada do interesse gerador de conhecimento e domínio:

[...] As atenções do pessoal foram voltadas para enorme rebanho de cervos do Pantanal, que passou a 100 metros do acampamento. Eles pareciam habituados com os seres humanos talvez por nunca terem sido hostilizados, ainda, no seu habitat.

No acampamento éramos despertados pelo canto estridente das seriemas e dos quero-quero [...] Os tamanduás-bandeira faziam parte da paisagem, tão numerosos e pacíficos [...] Selva de fauna riquíssima, ainda estava à espera do naturalista que lhe catalogasse todos os espécimes. (ibidem, pp.141, 147)

Os caçadores de onça, também denominados zagaieiros, nome associado ao instrumento que utilizavam - a zagaia -, forquilha de madeira bem forte guarnecida por dois dentes pontiagudos, eram contratados pelos fazendeiros da região e tidos como heróis. Relata a experiência de testemunho de uma caça, referindo-se ao animal como “monstro terrível”: “[...] a primeira vez que você vê, não acredita que possa vencer o inimigo tão feroz. Depois, com o passar do tempo e com a repetição do tenebroso encontro, acostumamos” (CONSTANT, 1993, p.129).

Reconstituição histórica do desenvolvimento local - mudança de paisagem

O ser humano é um ser histórico e isso o diferencia dos outros animais. A história tem expressiva importância na configuração do lugar, na medida em que representa a reconstrução dos fatos na memória do grupo. Para SANTOS (1978), “não há e jamais haverá formação social independentemente do espaço”.

Tuan (1976) chama a atenção para a relação que existe entre um lugar e os indivíduos que o habitam. Para ele, uma pessoa é uma mistura de sua biologia, seu meio ambiente, seu passado e suas visões de mundo, e o que dá ao lugar uma identidade é, além de suas características físicas, a história que nele traçam seus habitantes.

Segundo BIAGIONI (1992), ainda que o progresso trazido pelas ciências naturais tenha sido revolucionário para a atualidade, ele não possui em si a força, o peso, o valor e a dinamicidade da consciência que o homem tem de sua finitude e da sua total capacidade de compreender que está na história e que, sobretudo, faz história.

A história é a via impressa da maneira do ser humano pôr forma ao mundo. Nela estão registrados os comportamentos em relação ao outro, à natureza, ao tempo e à morte. Para WALDMAN (1994), a modelagem do espaço geográfico, os arranjos dados aos elementos naturais, que o homem encontrou diferentemente dispostos no meio ambiente, resultaram de transformações históricas específicas, traduzindo relações sociais mantidas pelos seres humanos entre si e com a natureza.

Um olhar atento para as características paisagísticas de um lugar pode revelar muito da forma do seu povo ver e representar o mundo. Segundo MERLEAU-PONTY (1999), todas as visões são verdadeiras, sob a condição de que não as isolemos, de que caminhemos até o fundo da história e encontremos o núcleo único de significação existencial que se explica em cada perspectiva.

O desenvolvimento histórico de um lugar é, portanto, reflexo de todas as ações de adequação do ambiente ou de adaptação do ser que o habita. Enquanto a adaptação se associa à preservação do ambiente, a adequação quase sempre origina mudanças de paisagem. Nos relatos dos atores da presente pesquisa, muitos discursos repetem as várias alterações que sofreu a região de Jardim ao longo dos seus poucos anos de existência. Muitos desses relatos são reveladores da sensação de perda de aspectos do meio associados a topofilia. Passamos a enfatizar nesse momento, a história de desenvolvimento local e as mudanças de paisagem dela derivadas.

Em 1947, onde hoje funciona o hospital municipal, existia apenas a porteira de entrada da fazenda dos Barbosa, antiga propriedade dos Lopes. Quem nos retrata a paisagem da época é o Sr. Fausto: “[...] os civis moravam em rancho de Bacuri e o hotel Rio Branco era de tábuas [...] Tinha só quatro casas de material e era um guaviral só onde é o centro da cidade”. O sr. Celso também viveu esse momento histórico e testemunhou as casas todas “de palha, de capim”. De acordo com Sr. Assis, em 1956 “[...] Jardim era poucas casas [...] As casas que tinha era tudo de tábuas, tudo de madeira”.

De acordo com D. Guilhermina, migrante paraguaia, em meados de 1969, ainda não tinha quase nenhuma estrutura no local: “[...] não tinha rádio, não tinha nada, nem rua de asfalto”. Sua casa era uma das poucas construídas fora da área do quartel. Por essa época, a diversão principal era ouvir as histórias contadas pelos avós, como nos relata a profa. Terezinha. O prof. James também confirma o hábito de ouvir histórias: “[...] TV não havia, só rádio e a vitrola enorme [...] Ali eu ouvia estorinhas”. A energia elétrica era fornecida também pela CER-3 através de um gerador que parava de funcionar às dez horas da noite, conforme relatam Leomar e James.

“A água pra lavar roupa eu puxava do poço. Passar ferro era ferro à brasa. Isso lá na cidade, não tinha luz em todas as casas ainda. Costurava com um lampiãozinho a querosene”. (D. Virgilina)

Na grande maioria dos relatos, está evidenciada a alteração sofrida pelos cursos d’água da região, especialmente o Rio Miranda. A característica mais evidenciada é a sensível diminuição da quantidade de peixes nos rios.

“Ah! Pesquei muito, tinha peixe, agora diz que só tem sapo lá. Naquele tempo tinha peixe grande mesmo...” (Sr. Fausto)

“[...] é muito difícil pegar peixe. Antes tinha dourado, pintado, pacu, pirautanga.” (profa. Rosana)

“[...] o rio era fundo pacas, em todo lugar. Hoje dá pra você ver o fundo do rio.” (prof. Rivelino)

“Hoje é um outro rio. O desmatamento nas barrancas [...] Hoje você atravessa o rio, na minha infância você não atravessava o rio”. (profa. Rosana)

“Há dez anos atrás eu lembro que a gente ia no rio e a própria mata, o rio era cercado de mata, não tinha desmatamento [...] O desmatamento foi tão grande e foi desmoronando as barrancas”. (Gervásio, repres. de bairro)

“[...] sem falar no rio Miranda que está todo assoreado e destruído.” (Francisco, administ.rural)

“Tinha bastante peixe e todo mundo comia peixe”. (sr. Orlando)

Além da queda na população de peixes, é destacada a mudança nas características das águas do Rio da Prata:

“Naquela época tinha peixe, agora diminuiu bastante. Tinha peixe em todo lugar que você andava [...] Antigamente a água era mais transparente. Quando chovia, a água ficava branca, hoje ela fica vermelha. E demora muito a limpar, antigamente limpava rapidinho”. (Jorge, administ.rural)

“Era só mata na beira do rio, tudo campo bruto, tinha mais peixe do que agora”. (sr. Izol)

“Ver os peixes quando tinha. Mas agora é difícil. Esse dia eu desci lá e fiquei olhando [...] Mas que tristeza!” (D. Virgilina)

“Antigamente o Rio da Prata e o Rio Miranda era rico em peixe e hoje é pobre. Você via uma camada por cima da outra de peixe”. (Sr. Assis)

Apesar de todas as iniciativas que vem sendo empreendidas para minimizar o impacto sobre a população de peixes dos rios da região, ainda é possível flagrar ações indevidas. Um dos atores denuncia em seu relato a presença constante de pescadores no Rio da Prata, onde a prática é proibida.

A construção de infra-estrutura à beira do Rio da Prata também é citada:

“Aqui no balneário mudou bastante porque eles mexeram na barranca do rio. Não é mais o que era. Antigamente era mais natural”. (Jacinta, repres.bairro)

A associação dos impactos ocorridos no local com atividades comerciais, como a agricultura e a pecuária, também aparece nos relatos:

“Eu vi muita caça, muito peixe, vegetação tinha bastante. Estava começando o desmate para pasto”. (José Carlos)

“A praia Marli faz parte do Miranda. Ontem eu fui lá e ta tudo acabado. Tem parte que a terra ta toda dentro do rio, lavoura na beira do rio”. (Anicézio)

A falta da vegetação nativa é também lamentada por muitos moradores:

“Antes tinha uma casa ali, a outra lá longe. Era bem arborizado, agora só tem construções”. (profa. Adelaide)

“O sítio urbano de Jardim mudou muito. O nome Jardim fazia jus, porque naquela época de floração ficava muito linda”. (prof. James)

“Jardim já foi destruído sessenta por cento do que era o natural mesmo”. (Pastor Oswaldo)

“Aqui era só mato. Onde eu moro a gente vinha caçar tatu... O centro era um trieiro, com um buteco [...] Tinha o cinema e uma pracinha em frente ao cinema, gruta do lado da igreja e a escola que era o educandário, onde eu estudei muito [...] Nenhuma das escolas existe mais”. (Gervásio)

Outra indicação importante é a da existência de locais de interação entre os moradores, como a praça ricamente iluminada, com o coreto e o cinema onde hoje é área restrita da CER-3, conforme rela sr, Fausto: “[...] em 1952, era aberto, tinha o cinema, tinha as praças com as luminárias”.

As perdas de raízes culturais são lamentadas pelo prof. James em seu relato: “[...] histórica e culturalmente Jardim perdeu muito. Destruíram a pracinha, o antigo cinema...” Segundo ele, muitas discussões aconteciam no cinema, freqüentado pelos jovens que viam nos filmes clássicos do cinema um fator de conhecimento. Os esportes também eram muito praticados: “nos fundos da Escola Cel. Felício, tinha os esportes, os jogos da primavera...”.

A falta de preservação histórica é também enfatizada pela D. Rita:

“Eu acho que em toda cidade brasileira o grande problema é a falta de memória e, em Jardim, eles acabaram com a memória. Primeiro que tinha uma escola que foi tradicional e se chamava Coronel Felício, acabaram! Era uma

escola tradicional. Um cinema também [...] A cidade acaba ficando sem memória”.

“Tinhas bailes, tinha cinema [...] Eu ia muito assistir filme. Eu adorava assistir filme. Jardim já teve dois cinemas, mas fecharam”. (D. Rita)

BOSI (1994, p.452) enfatiza a importância que se deve dar à desconstrução do espaço, colocando que “destruída a parte de um bairro onde se prendiam lembranças da infância do seu morador, algo de si morre junto com as paredes ruínas, os jardins cimentados”.

A tranquilidade parece também ter se perdido, apesar de ser uma das características frequentemente associada à qualidade de vida local. De acordo com Advaldo, “era como uma fazenda, um lugar de sentido de você ficar sossegado”.

“Jardim era muito calmo. Aqui não tinha nem asfalto, a catedral ali era só mata”. (Jacinta)

“Eu gostava da pracinha, reunia os amigos. Agora tá tudo mudado...” (Nedir)

Alguns relatos destacam as melhorias advindas da necessidade de preservação associada ao discurso do desenvolvimento turístico no local. Para o Sr. Modesto, proprietário da fazenda Alegria, onde se encontra o atrativo Buraco das Araras, o local melhorou muito, depois que foi impedida a entrada de pessoas que descaracterizavam os detalhes do lugar e lhe atribuíam uma imagem de vandalismo, além de espantarem os animais, principalmente as araras que voltaram à nidificar no buraco depois que passaram a controlar o acesso de visitantes. A mesma percepção positiva é enfatizada no relato do Sr. Anicésio, proprietário de uma área às margens do Rio da Prata, que depois de expressivos impactos, foi reconstituída: “[...] essa área aqui era tudo desmatado e a gente ajuda a preservar”.

A praça, o coreto, o cinema, as flores, as árvores, as fachadas das casas, as águas límpidas e a grande quantidade de peixes do Rio Miranda são todos elementos da memória coletiva dos habitantes de Jardim. As tardes onde se reuniam nas rodas de “tereré” e ouviam histórias da região eram os instrumentos que permitiam manter essa relação nostálgica viva, mas como acontece com a maioria das cidades em desenvolvimento, perderam o sentido diante das modernas tecnologias de informação e lazer. Não obstante, o tempo decorrido da prática frequente dessas tradições é muito curto e, não raro, se encontra um grupo de pessoas reunido em rodas de “tereré”. Há, portanto, um potencial ainda muito iminente de resgate dos elementos históricos e culturais do local. Segundo BOSI (1994), o encontro com velhos faz o passado reviver com o frescor que não encontraríamos na evocação solitária, sendo que muitas de nossas memórias são inspiradas em conversas com outras pessoas e apenas enriquecidas por nossas experiências. Dessa forma, preservar os momentos de diálogo e transmissão oral de tradições e experiências é uma forma de manter viva a memória coletiva e os significados dos fatos históricos e do espaço por eles delineados. A memória coletiva se desenvolve do contato dos laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Essa memória coletiva é, segundo HALBWACHS (1990), reinterpretada a partir do mundo de significação que abriga a memória individual.

A história na educação ambiental - perspectivas

O material do antigo cinema continua a existir, embora fechado no espaço da CER-3. A praça e o coreto, embora modificados, estão lá, porém vazios. Trata-se de dar início a novas práticas de contato, o que representa uma das ações - tardes com contadores de história - que se deve contemplar em programas de educação ambiental no município.

Novamente, BOSI (1994) nos estimula a buscar esse resgate, colocando na articulação da comunidade o poder de reconstituição dos cenários perdidos, de maneira que “só a inteligência e o trabalho de um grupo podem reconquistar as coisas preciosas que se perderam”, sem o que as suas raízes se perdem inevitavelmente.

Nota-se, nos relatos coletados, a profunda ligação que as pessoas tem com o lugar, o que se estende para a maioria dos moradores com quem tivemos contato. Daí se levanta a possibilidade de se reforçar essa interatividade falando sobre topofilia.

Muitas crenças e mitos são espelhos da percepção do ser humano sobre mundo e sobre sua inserção nele. Estudar esses fundamentos pode ser um poderoso instrumento de estímulo a importantes reflexões sobre as ações humanas. Apresentar o conceito de topofilia nas escolas e discutir a partir de dados levantados da observação do cotidiano dos alunos e de suas auto-análises podem ser práticas frutíferas. Entender o porquê das pessoas se relacionarem tão intensamente com o meio, o porquê da sensação de conforto e bem-estar que determinados locais proporcionam, identificar os próprios traços topofílicos e relacioná-los com suas histórias pessoais pode gerar um rico campo reflexivo sobre aspectos comportamentais.

Nesse contexto, se insere também a importância do resgate das tradições dos moradores, de suas memórias e sua inserção no ensino formal, nas conversas informais e na relação com os visitantes. Se esses elementos são revividos na escola, os próprios alunos podem se transformar em multiplicadores voluntários e em agentes de divulgação junto aos turistas, que cada vez mais buscam por atividades culturais durante suas visitas, mesmo que elas não sejam o objetivo primeiro delas.

As músicas regionais podem também se transformar em recursos didáticos valiosos. Muitas letras são verdadeiros relatos da mudança de paisagens e da deterioração de tradições. A análise das letras e a criação de novos arranjos melódicos pode representar um desafio para alunos e professores, sendo as criações utilizadas como instrumentos de divulgação. A elas podem se associar outras criações artísticas, como as plásticas e poéticas. Nesse quadro propício a transdisciplinaridade, podemos vislumbrar a participação de professores das diversas áreas, como história, biologia, educação artística, língua portuguesa, geografia, etc.

As rodas de tereré são uma tradição de origem paraguaia que consiste em reuniões de amigos para tomarem a erva-mate gelada. A associação desse hábito cotidiano com a ação de contadores de histórias pode representar prática eficaz na disseminação da história e da cultura local. O contato com pessoas com forte interação com o ambiente local pode representar uma rica oportunidade de conhecimento da cultura local e de sensibilização baseada no discurso nostálgico dos moradores.

Os velhos podem desempenhar o papel de contadores de histórias em visitas eventuais à escola. Essa prática poderia ser desenvolvida também em ambientes extra-escolares, como no antigo coreto, o que resultaria na revitalização desse ponto tantas vezes citado e de tamanha importância para a manutenção da memória local. Nele também poderiam acontecer exposições de fotos históricas e de fotos da natureza regional, feitas ou reunidas pelos alunos. Com o mesmo intuito, poderia se estimular a prática de filmagens dos espaços cotidianos e das paisagens e eventos locais, e quem sabe até, recuperar os equipamentos do velho cinema citado pelos moradores.

A elaboração de material didático complementa essas propostas. Ela foi gerada pensando na possibilidade de se criar livretos com dados da história e do modo de vida do

lugar e da região, utilizando como ilustrações, as próprias figuras caricaturadas dos personagens reais, ou seja, dos fundadores e atuais moradores de Jardim.

Planejamento de áreas em desenvolvimento

A comunidade de Jardim, assim como outros locais com atrativos turísticos, espera por um crescimento urbano ordenado e compatível com a manutenção dos elementos que garantem, em suas concepções, a qualidade ambiental local. De nenhuma forma, porém, poderá ser garantido o atendimento a esse anseio sem que se tenha sua intensa participação no planejamento desse desenvolvimento e nas tomadas de decisões. Torna-se evidente nesse contexto, a necessidade da elaboração de um plano diretor, verdadeiramente voltado para a gestão participativa do desenvolvimento local.

No processo de desenvolvimento turístico de um lugar, há que se promover a mobilização dos seus moradores, no sentido de exigirem de seus gestores, uma postura dialógica e aberta a negociações de interesses. Várias das idéias apresentadas no estudo de caso surgiram do contado com os moradores, o que revela o potencial que esses têm de analisarem criticamente seus problemas, fator que colocado a serviço dos representantes em condição de receptividade, pode gerar importantes mudanças e melhorias na condição de vida e no desenvolvimento da cidade. Até mesmo do ponto de vista cultural e paisagístico os moradores têm muito a auxiliar, capacidade revelada nos relatos fornecidos no nosso estudo. Isso nos mostra a viabilidade para a democratização da gestão através da implementação de um plano de gestão integrado e participativo.

Agradecimentos

Ao professor James Flores, pela valiosa contribuição no relato sobre a história da formação da cidade.

Ao Sr. José Inácio, pelo depoimento enriquecedor e os documentos fornecidos.

À profa. Rita Carmem, pela gentil recepção e pelas informações sobre a participação da figura de seu pai na fundação e desenvolvimento do lugar.

Bibliografia

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1993.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

BIAGIONI, J. A ontologia hermenêutica de Hans Gadamer. In: **Revista Reflexão**, 53-54: 34-81, 1992.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3^a ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRANDÃO, C. (org) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CONSTANT, A.D. **Mato Grosso Km 0**. Rio de Janeiro, 1993.

GADAMER, H. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade**. 3^a ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 1994.

HALBWACHS, M. **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MACIEL, A. Normadização dos espaços urbanos. In: COSTA, I.T.M.; GONDAR, J. (orgs) **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2^aed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

PROSHANSKY, H.M. **Psicologia ambiental**. México: Trilhas, 1976.

SANTOS, J.I.A. **Jardim 30 anos de história**. Bela Vista: Apa, 1980.

SANTOS, D. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

THIOLLENT, M. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, C. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TUAN, Y. Humanistic Geography. In: **Annals of the Association of American Geographers**, 66(2): junho, 1976.

TUAN, Y.F. **Topofilia**. São Paulo, Ed. Difel, 1980.

WALDMAN, M. Espaço e modo de produção asiático. **Boletim Paulista de Geografia**, 72: 26-62, 1994.